

CORAÇÃO ABERTO E ALMA VERDE:
RESENHA DO LIVRO *CORPO, CIÊNCIA
E MERCADO...* DE ANA MÁRCIA SILVA

ALEX BRANCO FRAGA

Professor assistente da Escola Superior de Educação Física da UFRGS; doutorando no Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS. E-mail: alexbf@cpovo.net

RESUMO

O livro Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade, de Ana Márcia Silva (2001), analisa o processo de constituição do corpo contemporâneo pelo discurso biotecnológico e pelas diretrizes do mercado; além disso, aponta para uma perspectiva corporal ligada visceralmente à ecologia, na qual outros humanos são possíveis e na qual a reinvenção de cada um de nós esteja em conexão com as energias da natureza e com o dinamismo da cultura.

PALAVRAS-CHAVE: corpo; ciência; mercado.

Dizer um corpo. Onde nenhum. Mente nenhuma. Onde nenhuma. Ao menos isso. Um lugar. Onde nenhum. Para o corpo. Estar lá dentro. Mover-se lá dentro. E sair. E voltar lá para dentro. Não. Sair nenhum. Voltar nenhum. Só entrar. Ficar lá dentro. Em diante lá dentro. Parado...

Samuel Beckett, 1998, p. 7.

Desconexo! Sem lógica! Essa talvez seja a maneira com que a maioria das pessoas percebiam a passagem acima. Linguagem truncada, não há seqüência, nem coerência de sentido e muito menos rigor gramatical, o que complica ainda mais a ordem geral da leitura. De certa forma, Beckett desconcerta para mostrar que não há apenas uma forma de representar o corpo, pois existem corpos dissonantes que insistem em não se encaixar nos padrões fisiológicos, psicológicos e estéticos vigentes; ou seja, corpos que escapam da racionalidade restrita da tecnociência, que reagem à padronização das relações humanas.

Esse trecho nos mostra que existe uma maneira de aprendermos as coisas que está diretamente relacionada a uma espécie de ordem pedagógica vigente, que estrutura, sempre de maneira lógica, uma forma de compreensão. Além disso, é preciso entender que toda ordem vigente é uma invenção discursiva que conseguiu se sobrepôr a tantas outras em um determinado período histórico.

É justamente nesse aspecto que reside uma das notáveis contribuições do livro *Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade*, de Ana Márcia Silva (2001), isto é, na análise do processo de constituição de uma lógica corporal pautada pelo discurso biomédico e, por extensão, na importância de entender o corpo para além das rígidas fronteiras científicas e mercadológicas. Logo na introdução do livro, os propósitos de sua pesquisa são apontados: mostrar que o corpo não existe isoladamente e muito menos se resume ao físico/carne/soma de cada um de nós – o corpo existe em conexão.

Energia, alma, mente, genes, proteínas estão conectadas tanto ao nosso organismo, quanto aos outros, às plantas, ao planeta, à cultura e, por isso mesmo, tornam as possibilidades de significado do corpo cada vez mais amplas e implementam importantes alterações éticas, estéticas, epistemológicas e políticas para diversas áreas de estudo.

Há algum tempo a exposição de corpos se tornou um elemento central nas relações sociais, não apenas como consequência direta de um modismo que está em voga, mas pelo modo como vem sendo insistentemente (re)pensado e (re)considerado por diferentes áreas do conhecimento humano; e, também, pelo modo como o corpo vem sendo reconstituído dentro desse arsenal de inovações científicas e tecnológicas.

Essas inovações compõem um conjunto importante de preocupações da autora, pois vêm produzindo modificações substanciais na forma dos sujeitos se relacionarem com seu próprio corpo, com os outros e com a natureza. Não é por acaso que vacas carnívoras, galinhas gripadas, ovelhas clonadas, bebês geneticamente programados vêm deixando de ser apenas personagens de ficção para ocuparem os palcos da vida. Também não é por acaso que o “homem-da-ciência” acabou se tornando uma espécie de “Deus-de-si-mesmo” nesse *admirável mundo novo*.

Ana Márcia vai apoiar suas reflexões teóricas na análise daquilo que tem sido produzido pelas ciências biomédicas, mais especificamente, o que vem sendo produzido pela Medicina do Esporte, área cada vez mais prestigiada no trato da forma do corpo. De maneira brilhante, ela vai alinhavando o processo de constituição do prestígio dessa área na sociedade contemporânea, revisitando alguns clássicos da filosofia de forma extremamente adequada e pertinente, permitindo que o leitor tenha um panorama da trajetória do pensamento moderno por meio de seus protagonistas mais ilustres e de seus críticos mais contumazes. A sutileza, a fluidez da explanação e a forma dinâmica com que a autora relaciona pressupostos filosóficos com o “nascimento” da Medicina do Esporte tornam a leitura instigante e prazerosa.

A forma como ela articula autores de diferentes perspectivas teóricas enriquece o texto, pois traz passagens que ilustram correlações e dissonâncias entre correntes fundamentais da modernidade, que não são abordadas apenas em seus enunciados universalmente aceitos – o que normalmente serve como atestado de sabedoria acadêmica para quem assim os utiliza. Ela vai além, busca conexões com seus “dados empíricos” e os primórdios das ciências biomédicas; algo que resulta em uma espécie de memorial do corpo contemporâneo.

Ana Márcia traz contribuições significativas, especialmente para quem atua na área da educação física, quando questiona os pressupostos que norteiam a pregação religiosa de atividades voltadas para um estilo de vida ativo, isto é, questiona a hipervalorização do conceito fisiológico de saúde/doença, a radicalização da estética com base no modelo da tecnociência e a exposição do corpo como uma mercadoria descartável, disponível nas prateleiras da mídia para consumo, mas quase sempre com prazo de validade restrito.

Ela aborda com extrema sensibilidade a forma como o campo biomédico foi tornando saúde e doença conceitos completamente fragmentados e reduzidos ao bom ou mau funcionamento orgânico, a tal ponto que a doença parece ter se tornado uma coisa-em-si, independente do doente, podendo ser localizada de forma precisa em um determinado ponto do corpo para, então, ser extraída como

se fosse uma entidade com vida própria. Como ela mesmo frisa no texto, “há que se considerar que a primeira condição de saúde é a vida ter sentido; as formas de ser saudável podem ser muitas e tão diferentes como os modos de ser humano” (Silva, 2001, p. 36).

Para a autora, a naturalização dos pressupostos da tecnociência e do mercado tem sido um grande obstáculo à construção de perspectivas corporais centradas em outras formas de relação humana, nas quais a felicidade não seja apenas o fruto transgênico do individualismo e do narcisismo; e nem se reduza a um elemento da moda ou do consumo, desvinculada de valores como justiça, igualdade e fraternidade.

Mas ao mesmo tempo em que o discurso da tecnociência vai avançando e insistindo na redução cirúrgica das diferentes saliências corporais, na formatação dos padrões, na administração detalhada daquilo que excede ou falta na relação saúde/doença, vão surgindo brechas no interior desse mesmo discurso.

Para Ana Márcia, há sinais de inversão dos pressupostos científicos que possibilitam a emergência de novos paradigmas, que admitem as noções de probabilidade, incerteza, risco; que admitem a idéia de uma ordem a partir do caos e da existência de sistemas adaptativos complexos e irredutíveis entre si. Princípios que ela mesmo assume em seu trabalho, ciente de todos os riscos advindos desse posicionamento.

No último capítulo, ela argumenta de forma mais detalhada as possibilidades de analisarmos o corpo a partir de outra perspectiva, desvincilhada de uma noção mecanicista e padronizada. Ela aponta para uma perspectiva de corpo ligada visceralmente à ecologia; na qual outros humanos são possíveis, na qual a reinvenção de cada um de nós esteja em conexão com as energias da natureza e com o dinamismo da cultura – algo bem diferente da noção de “leis da natureza” da ciência clássica e do que vem sendo defendido por alguns grupos ambientalistas.

Ana Márcia brinda-nos com um belo texto, extremamente fundamentado e muito bem construído, que surpreende e encanta não só pela riqueza de detalhes, mas principalmente pela forma arrojada com que se posiciona diante de um tema tão complexo: coração aberto e alma verde.

Open hearth and green soul: Summary of the book *Corpo, ciência e mercado...* By Ana Márcia Silva

*ABSTRACT: The book *Corpo, ciência e mercado* (Body, science and market: reflexions on the gestation of a new happiness archetype), by Ana Márcia Silva (2001), analyses the process of contemporary body constitution by biotechnological discussion and by market rules. Also, it points towards bodily perspective viscerally linking to ecology, in which other humans are possible and in which the reinvention of each of us is in connection with the nature energy and with the dynamism of culture.*

KEYWORDS: Body; science; market.

Corazón abierto y alma verde: Reseña del libro *Corpo, ciência e mercado...* De Ana Márcia Silva

*RESUMEN: El libro *Corpo, ciência e mercado* (Cuerpo, ciencia y mercado: reflexiones sobre la gestación de un nuevo arquetipo de la felicidad), de Ana Márcia Silva (2001), analiza el proceso de constitución del cuerpo contemporáneo por medio del discurso biotecnológico y por las directrices del mercado; además de eso, apunta hacia una perspectiva corporal conectada visceralmente a la ecología, donde otros humanos son posibles y donde la reinención de cada un de nosotros esté en conexión con las energías de la naturaleza y con el dinamismo de la cultura.*

PALABRAS CLAVES: Cuerpo; ciencia; mercado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKETT, S. *Pioravante Marche*. Lisboa: Gradiva, 1988.

SILVA, A. M. *Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade*. Campinas/Florianópolis: Autores Associados/EDUFSC, 2001.